

“O que você vai ser quando crescer?”: um estudo teórico-empírico sobre o que as grandes mídias dizem para a classe trabalhadora fazer para ser uma boa classe trabalhadora

Antônio Gabriel S. Martins¹

Caio Martins²

Ilzo Rafael Fonseca³

Jonaz Gil Barcelos⁴

Matheus Rodrigues Lima Affonso Garcia⁵

O Trabalhador - Vagou um emprego!

Um emprego com salário

Na fábrica nº 5

É um emprego de merda!

Corram!

(Três trabalhadores deixam o prato cheio e saem correndo)

(Santa Joana dos Matadouros, Ato I, cena V - Bertolt Brecht)

Resumo

No presente trabalho, analisamos o que dizem sobre empregabilidade o *site* da Veja – maior revista brasileira -, um sítio na internet de procura e oferta de empregos e um sítio na internet especializado em empregabilidade. Na maioria dos textos lidos, percebemos que o desemprego é apresentado como algo que pode ser vencido com a aquisição de especializações técnicas e adequação das características individuais às necessidades produtivas das empresas. De fato ele pode ser vencido, mas não por todos. O que nos parece ocorrer, efetivamente, não é que a qualificação possibilite vencer o desemprego, mas vencer os demais desempregados na luta por um emprego. Neste sentido, não vemos um combate ao desemprego, mas a uma série de jargões que funcionam como véus para cobrir as estruturas sobre as quais o desemprego se sustenta: a estrutura social do próprio capitalismo. Este sistema mostra parte de uma lógica extremamente perversa de, por um lado, produzir uma grande riqueza e, por outro, privar a maioria dos inseridos em seu sistema de produzir a própria vida. As razões para isso são a própria lógica de funcionamento de um modo de produção baseado na exploração do trabalho e que, para assegurar os lucros, criou, historicamente, um exército industrial de reserva, que permite ao sistema a redução do valor da mercadoria força de trabalho abaixo de seu valor socialmente necessário (MARX, 1983). O velamento dessa natureza do capitalismo foi constatado nas análises desses três veículos de comunicação que se usam da “empregabilidade” para justificar ideologicamente o desemprego e culpabilizar os desempregados, naturalizando e justificando meritocraticamente uma sociedade com desemprego estrutural e incapaz de permitir a todos a produção material da vida.

Palavras-chave: empregabilidade, desemprego, exército industrial de reserva, capitalismo.

¹Graduado e Mestrando em Ciências da Administração na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao ORO UFSC.

²Graduado e Mestrando em Ciências da Administração na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao ORO UFSC.

³Graduado em Ciências da Administração na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao ORO UFSC.

⁴Graduado em História na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao NETEGE UFSC.

⁵Graduando em História na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao NETEGE UFSC.

Introdução

“O que você vai ser quando crescer?” – pergunta o professor, “Grande”, responde Chaves. O que soa como piada em referência à ingenuidade de uma criança no seriado mexicano de mesmo nome do menino talvez indique pureza em um sentido mais amplo: de não “intoxicação” da infante a uma sociedade voltada para o “mercado de trabalho”. Provavelmente soe como piada porque já é difícil para essa mesma sociedade conceber uma resposta que não esteja vinculada a uma profissão.

Mas o seriado é da década de setenta do século passado. Já em nosso século, Costa-Gavras dirige um belo filme, com o título no Brasil de “O Corte”. O filme conta a história de um engenheiro, Bruno, que é demitido de uma indústria de papel, após anos de trabalho. O tempo passa e Bruno não consegue emprego. Diante disso, o engenheiro desempregado intui que sua dificuldade é decorrente das poucas vagas de emprego para a formação que teve e que ele, portanto, tem de ser melhor qualificado que àqueles que tiveram a mesma formação.

Bruno entende o conceito de empregabilidade neste momento. Mas, ao invés de buscar uma “formação continuada e aperfeiçoar-se às exigências do mercado para ser O melhor”, Bruno opta por ser “O melhor” eliminando os que têm uma formação e experiência profissionais melhor que a sua. Assassínio após de assassinio e Bruno é o melhor engenheiro da região. Logo é empregado novamente.

Mas que conceito é esse que leva um ser humano a matar outros para não morrer?

O presente artigo tem por objetivo analisar o que se diz sobre empregabilidade na imprensa. Tendo em vista a amplitude do que é imprensa, optamos por recortar a análise a apenas dois veículos: o sítio na internet da revista Veja, a maior revista brasileira, o maior balcão virtual de ofertas de emprego – Catho - e o sítio na internet Empregabilidade.net, especializado no tema.

Tal opção deu-se por questões de ordem metodológica e pela viabilidade na execução da pesquisa. Posteriormente, fazemos uma breve análise do contexto histórico em que este conceito surge e, mais adiante, uma crítica do que é dito.

Se o “mundo da vida” (no capitalismo) foi colonizado pelo “mundo do trabalho”, espanta-nos pensar que se a sociedade capitalista se caracteriza como uma sociedade de desemprego estrutural, esta colonização significa que o “mundo trabalho” no capitalismo é um mundo praticamente sem trabalho e que talvez essa colonização do “mundo da vida” represente tudo, menos vida.

Metodologia

Para a análise de parte do que a imprensa veicula sobre empregabilidade, propusemo-nos a uma análise qualitativa de textos que fossem, ao nosso julgamento, lidos pelos sujeitos que sofrem com o desemprego. Dentre as inúmeras opções, optei pela seção sobre “carreira” na versão eletrônica da revista *Veja* e por dois sítios na internet de procura de emprego: Catho e Empregabilidade.net.

Os dados foram coletados no período entre setembro e novembro de 2008 nas três páginas na *internet* e, para buscar aprofundar a análise, fazemos um capítulo de fundamentação teórica sobre causas históricas que fundamentam o desemprego na sociedade capitalista, para, posteriormente, discutir alguns dos dados coletados e sugerir hipóteses que sustentem esse discurso que, de acordo com nossa hipótese inicial, é fundamentalmente ideológico.

Fundamentação teórica

Marilena Chauí (1980) afirma que a ideologia é uma ilusão necessária à dominação de classe (p. 104) e que “consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo” (p. 93). Desse modo, vela-se a existência mesma de classes sociais lutando politicamente na sociedade.

Em Marx, ideologia é um conceito que varia durante sua obra, havendo a identificação clara de três fases (THOMPSON, 1995). A terceira fase da concepção de ideologia em Marx – concepção latente (THOMPSON, 1995), que mudou radicalmente o conceito de então, parte do pressuposto de que “algumas idéias deformavam ou ‘invertiam’ a realidade” porque “a própria realidade estava de cabeça para baixo” (BOTTOMORE, 1993: p. 184).

Em Marx, especialmente na *Ideologia Alemã*, o conceito de ideologia aparece formado por três componentes básicos: [...] como forma de conceber o mundo, como um conjunto de idéias fundamentais consideradas não somente em seus aspectos naturais mas especialmente no seu aspecto social e no das relações entre os homens e suas atividades. O segundo aspecto diz respeito ao fato de essa ‘visão do mundo’ ou ‘conjunto de idéias’ só poder ser compreendido como produto ou reflexo da sociedade e de uma época, ou seja, de grupos sociais reais, estratos e classes. Enquanto visão do mundo e ideologia expressaria exatamente os interesses, a atividade e o papel histórico desses grupos ou classes sociais. No entanto, esse modo de expressão se faria não como expressão do conhecimento ‘verdadeiro’ mas como ‘racionalização’, ou seja, ao mesmo tempo em que os expressa e exprime-os parcialmente, deforma-os, obscurece-os. O terceiro aspecto, com base no segundo, mostra que a ideologia não é um sistema de pensamento neutro ou inócuo mas que, tendo uma função ou direcionalidade que se constitui em parte essencial dos conflitos da História, teria como função legitimar, justificar e assim contribuir para a manutenção da ordem social vigente. (WERNECK, 1982; p. 18).

Neste sentido, optamos por analisar esta justificação e legitimação da ordem social vigente em um recorte fundamental: a “empregabilidade”, ou seja, as justificativas de auto-responsabilização do indivíduo por condições históricas de uma sociedade com imensa capacidade de produção material de vida, mas que é absolutamente incapaz de prover a vida humana devido a características que lhes são “naturais”, neste caso o “desemprego sistêmico”

Gramsci (1982) afirma que a ideologia é “produzida” em três fases: uma primeira em que os intelectuais de uma classe em ascensão postulam princípios contra a dominação real. Posteriormente, estes princípios são popularizados como lutas universais e se tornam senso comum, com a adesão de outras classes, também dominadas, à luta política contra a dominação. Todavia, a terceira fase dá-se quando a classe dominante não representa um ideal universal de luta contra a dominação e torna-se dominante. Neste caso a ideologia de princípios universais de liberdade não tem mais um vínculo com a realidade e apenas é uma justificativa para o mascaramento das relações de classe da sociedade.

Dessa forma, vemos com profunda irritação as cínicas declarações de felicidade da imprensa burguesa com o aumento em exportações, por exemplo, como se os benefícios da classe burguesa nacional fossem benefícios a toda população⁶. Contudo, é justamente na imprensa burguesa que pretendemos nos focar, uma vez que é a fonte de informação da maioria da população, da maioria da classe trabalhadora, classe com a qual identificamos um projeto político para além dessa sociedade.

Segundo o sítio da Wikipédia⁷, empregabilidade “remete à capacidade de um profissional estar empregado, mas muito mais do que isso, à capacidade do profissional de ter a sua carreira protegida dos riscos inerentes ao mercado de trabalho”. Mas quais seriam os “riscos inerentes ao mercado de trabalho”?

A sociedade capitalista é uma sociedade, segundo Marx (1983), que realiza os lucros e, portanto, reproduz o capital em relações de mercado. Nessa sociedade, a produção dá-se objetivando a comercialização. Diferente de diversas sociedades que a precederam na Europa, berço do capitalismo, a sociedade capitalista pressupõe a existência de homens livres. Todavia, a maioria dos homens e mulheres nesta, embora livres, é desprovida dos meios de produção, tendo que vender a única mercadoria que lhes pertence: sua força de trabalho.

⁶ “Queremos comer o superávit primário”, Frase em uma das faixas mostradas pelos Sem-Terra na Conferência Nacional Terra e Água – de 22 e 25 de novembro de 2004.

⁷ Há pouco tempo atrás, questão de poucas décadas de meses, começávamos as redações do colégio sobre um dado tema com definições - que hoje compreendemos, como defende Mészáros (2004), como nada neutras - do dicionário. Hoje, podemos começar com a Wikipédia.

O capitalismo é um sistema em que impera a "anarquia da produção", ou seja, não há um planejamento sobre as necessidades das pessoas, e sim um movimento constante de reprodução ampliada de capital. Isso, entre os capitalistas. Para os trabalhadores, não há outra solução senão venderem sua força de trabalho para os capitalistas. Para tanto, os trabalhadores têm de vender a única mercadoria que lhes resta – sua força de trabalho - e o trabalho assalariado, mediante uma relação empregatícia, aparece como a única saída para a produção material da vida da classe trabalhadora dentro do modo de produção capitalista. O problema é que existe e uma contradição muito forte na análise dessas duas classes.

Os capitalistas, para serem capitalistas, têm de reproduzir o capital. Para tanto, compram a força de trabalho dos trabalhadores e produzem algo. Contudo, não adianta produzir se não ocorrer a venda das mercadorias produzidas. Então as mercadorias são negociadas no mercado como propriedade do capitalista, uma vez que, embora tenham sido produzidas pelos trabalhadores, estes assim o fizeram em troca de salário e enquanto propriedade do capitalista⁸.

Seria perfeito se tudo o que o capitalista tem de mercadorias fosse vendido, mas existem muitos capitalistas produzindo coisas que pretendem satisfazer as mesmas necessidades e eles são, portanto, concorrentes. Para conseguir competir e manter-se como capitalista, portanto, o custo das mercadorias (seu tempo socialmente necessário) tem de ser reduzido.

Como o capitalista pode fazer isso? De várias formas, e uma dessas formas historicamente desenvolvidas é a de automatizar a produção com máquinas, que são imensamente mais rápidas que os trabalhadores e menos custosas (MARX, 1983). Desse modo, onde antes havia cem trabalhadores executando uma tarefa, agora há dez cuidando da máquina que executa a mesma tarefa de modo mais rápido.

Como consequência, no hipotético, mas ilustrativo, exemplo acima, 90 trabalhadores perderam o emprego. O capitalista que implementou a máquina não o fez por maldade, mas por um imperativo natural da ordem capitalista, a lei técnica (MARX, 1983).

As consequências históricas desse movimento, aliado com muitos outros movimentos, é claro, originaram diversos movimentos dos trabalhadores, como o luddismo, as sabotagens, as greves e muitas outras lutas contra a tendência decrescente de empregos.

Muito normal escutarmos hoje expressões do tipo “não está satisfeito, vai embora, porque tem um monte de gente querendo trabalhar”. Frases do senso comum, evidente. Mas,

⁸ Os trabalhadores não são propriedade dos capitalistas. Os primeiros vendem a força de trabalho, que possui um valor de troca. O valor de uso da força de trabalho, o trabalho, é propriedade do capitalista, como o valor de uso do computador em que foi escrito este artigo é – da biblioteca pública.

apoiando-nos em Gramsci (1982), cremos que o senso comum é uma construção histórica conseqüente de formulações dos intelectuais orgânicos da classe dominante que postulam sobre o “bem comum”, que nada mais é do que ideologia.

Se nos apoiarmos em Marx (2007) e seu terceiro conceito de ideologia – que Gramsci não conheceu (IASI, 2007) – podemos concluir, também, que tais demonstrações do senso comum são apreensões da realidade, que não é a idéia que está invertida, mas toda a realidade, uma vez que, de fato, há muitas pessoas sem empregos que se sujeitariam aos empregos que os “rebeldes”, “grevistas”, “ingratos” e afins “rejeitam” ou “desprezam”.

Ora, de fato há muita gente querendo trabalhar. A classe trabalhadora está inserida em uma sociedade de mercado capitalista e não possui outra mercadoria que não sua força de trabalho. Se o capitalista não vender suas mercadorias, logo deixa de ser capitalista; se o trabalhador não vender a sua, logo deixa de sobreviver⁹.

Neste sentido, o controle sobre o trabalhador extrapola a relação jurídica de dispor da mercadoria comprada (força de trabalho) que o capitalista possui, e o capital passa a ter um controle real sobre a vida da classe trabalhadora.

Entre outras características que colaboram para isso, destacamos aqui o que Marx (1983) chama de *exército industrial de reserva*. Para o autor, o exército industrial de reserva permite uma constante inovação técnica e deixa à disposição dos capitalistas trabalhadores para eventuais intensificações de produção ou inovações, servindo também de regulador dos salários em um nível inferior ao valor da força de trabalho.

Mas como controlar estas pessoas que, se não bastasse estarem desprovidas dos meios de produção, agora estão impossibilitadas de vender a sua força de trabalho? O trabalho precarizado, a marginalização e outras formas de sobrevivência são encontradas por estes. Contudo, questões culturais, econômicas, sociais, psicológicas e muitas outras inclinam essas pessoas à busca por melhores condições para produzirem sua vida mediante a melhor venda de sua mercadoria (força de trabalho).

Dentro desse cenário, de desemprego estrutural e necessário ao próprio desenvolvimento do capitalismo, a “ciência burguesa” elabora mirabolantes explicações para o problema e um sem-número de paliativos. Predominam as explicações de que quem tem a formação (se todos tivessem a formação defendida pelos ideólogos burgueses, todos teriam empregos?) como causa e solução. Sempre desistoricizadas e focadas no indivíduo, como a que segue:

⁹ Aqui desconsideramos outras classes sociais que não vivem dessa relação direta capital-trabalho, mas é evidente que a sociedade não é composta por apenas duas classes sociais.

A escolha da profissão e a busca pelo primeiro emprego são alguns dos dilemas enfrentados pelo jovem, nos dias de hoje. Quem estiver mais bem qualificado terá melhores possibilidades no mercado de trabalho. Pensando nisso, o SENAI construiu o Almanaque das Profissões para que Você conheça as profissões industriais. Aqui Você pode obter informações sobre as atividades do dia-a-dia de trabalho, a remuneração média e até mesmo o que as empresas esperam de Você. Então, não perca tempo! Defina, você mesmo, sua trajetória profissional (SENAI).

Encontramos também no Estado uma vinculação a esta questão, e, justamente, na carta magna:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua *qualificação para o trabalho*. (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Grifo nosso).

Não nos focamos nos intelectuais, nos aparelhos ideológicos do Estado burguês ou, tampouco, em órgãos da própria burguesia como o SENAI. Voltamo-nos ao que é mais procurado pelas vítimas do desemprego e que já não mais freqüentam os bancos escolares: a imprensa e os veículos de comunicação de empregos.

Nestes, percebemos que uma solução para o desemprego foi elaborada e transformou-se pretensamente em conceito, como definido anteriormente - a *empregabilidade*. Nesse sentido, buscamos informações sobre o que diz o sítio na internet da revista de maior circulação no país, o maior sítio na internet de oferta de empregos e um *site* com um programa de empregabilidade sobre o tema.

Tratamento dos dados

“A tendência atual é incorporar a atividade remunerada à qualidade de vida, assegurando o prazer de trabalhar em um ambiente agradável” assim começa o *site* Empregabilidade.net. Mas o sítio vai além e afirma que há uma tendência para que

desapareça o desejo de aposentadoria e o trabalho seja parte integrante da vida. Trabalhar quando se quer, onde se quer, com quem se quer, fazendo o que se quer é a perspectiva que se abre dando ao trabalho uma dimensão lúdica e prazerosa.

Curioso um *site* que se volta para desempregados apresentar tais afirmações. A página na *internet* do Empregabilidade.net apresenta sua colaboração para a compreensão do “problema do desemprego”:

Hoje há três lutas básicas em termos de trabalho remunerado e para cada uma delas existe uma estratégia para se vencer:

1. Ingressar no Mercado de Trabalho.
2. Preservar o Estágio ou Emprego.
3. Reconquistar um Emprego.

Nessas lutas, o certo é que para se conquistar um emprego os processos convencionais de enviar currículo, se registrar em agências de emprego, fazer entrevistas, e procedimentos similares, já não são eficazes. O mesmo acontece com a manutenção do emprego, pois muitas pessoas são dispensadas, ou se demitem, por não terem conseguido se ajustar às características da organização onde trabalhavam.

Primeiro, o Empregabilidade.net apresenta quais são as lutas a “se vencer” - todas dizem respeito a não ficar desempregado e, por conseqüência não poder produzir a própria vida, mas isso, é claro, não é comentado pelo *site* – e logo em seguida vem os motivos do desemprego: o desajuste da pessoa com as características da organização.

Neste sentido, o “problema do desemprego” deve ser enfrentado quotidianamente e de forma quase paranóica, como sugere o trecho que segue:

Das três lutas a mais difícil de ser enfrentada é a reconquista de emprego, e por esse motivo é tão importante preservar o atual. Quanto mais tempo a pessoa fica fora do mercado de trabalho mais difícil o retorno pelos métodos convencionais.

Mas, se para preservar o emprego, deve haver um “ajuste” do indivíduo à organização, como deve ocorrer o ajuste? Empregabilidade.net tem uma hipótese:

Práticas convencionais precisam ser revistas. Conflitos institucionalizados precisam ser esquecidos. Estruturas rígidas precisam ser flexibilizadas. Novas formas de relacionamento devem ser adotadas. Sistemas de seleção reformulados. Vinculações alternativas devem ser praticadas. Discursos ideológicos, devem ser esquecidos. A realidade está rapidamente sendo modificada, e o emprego não é mais o emprego seguro, até a aposentadoria, com inserção num quadro de cargos e salários, pois tudo isso está acabando e para muitos já acabou.

A harmonia é a solução. Ao que parece todos podem se “ajustar” e “vencer”. Porém, o que faz com que apenas alguns vençam? Pois é justamente esse o objetivo do Empregabilidade.net, explicar os motivos disso e auxiliar a quem estiver disposto a “vencer”.

Os candidatos a emprego e os que estão empregados, geralmente não são competentes em empregabilidade. As escolas não ensinavam, mas esperamos que passem a ensinar, empregabilidade, os programas de treinamento também não, e não há livros práticos tratando do assunto. Quem se prepara para ter empregabilidade leva uma grande vantagem sobre o universo de desempregados, e assume uma

vantagem competitiva na preservação do seu emprego.

Assim, depreendemos que a *empregabilidade* é apresentada como uma qualidade que pode ser adquirida e apreendida e, para isso, o *site* se propõe a ajudar. Ao final de uma série de artigos sobre diversas formas de conseguir um emprego e obter “vantagem competitiva” frente os demais, sempre com dicas motivacionais, de iniciativa, de alinhamento das expectativas individuais às “características da organização” e de pensamento positivo, o *Empregabilidade.net* abre espaço para a oferta de um curso que promete desenvolver a [capacidade de] “empregabilidade” nos sujeitos.

Se o curso não der certo? Bom, segundo *Empregabilidade.net*

[...] não podemos perder de vista o fato de que emprego é uma das alternativas de trabalho, sendo fundamental que a pessoa reconheça seu perfil, que pode ser de “empregado”, “autônomo”, ou de “empresário”¹⁰.

O segundo sítio analisado foi a *Catho*. O *site* é uma espécie de banco de dados virtual, com cruzamento de informações sobre o que o sujeito informa e o que empresas buscam. Todavia, me pareceu mais um grande classificados, ou um balcão de empregos inverso. Neste sítio, as pessoas pagam para disponibilizarem seus currículos para “grandes empresas que buscam por talentos”, contudo, questiono os motivos de “grandes empresas atrás de talentos” esperarem por sujeitos desesperados.

Na página inicial do *site*, aparecem vagas para diversos empregos, inclusive para a presidência de empresas. Todas as vagas estão em um quadro. Ao lado deste quadro há o número de currículos de interessados nestes empregos. O número é, evidentemente, muito maior. Desconfiamos – para usarmos um termo singelo - que os quadros de vagas e de currículos sejam apenas fictícios, fantasiosos e ilusórios, uma vez que ficaram imutáveis por duas semanas. A mais provável justificativa que sustentaria tal hipótese seria o inevitável comparativo entre o número de sujeitos que estariam a disputar as escassas vagas disponíveis. E é em como disputar essas vagas que se focam os poucos textos disponíveis na *Catho*.

O sítio da *Catho* possui pouquíssimos textos para leitura gratuita, e os sete dias gratuitos por eles anunciados, não nos permitiram ler este conteúdo também. O pouco que tem, entretanto, divaga sobre as “qualificações” necessárias para a conquista de um “bom emprego”.

¹⁰ “Miranda - Oh! Que milagre! Que soberbas criaturas aqui vieram! Como os homens são belos! Oh, admirável mundo novo que tem tais habitantes!” (SHAKESPEARE, 2003, p. 80)

A maior parte do material “teórico” do Catho está em seu *blog*. Nele encontramos toda espécie de material para o incentivo, auto-responsabilização, naturalização e auto-ajuda¹¹.

Na hora de procurar emprego, pense nos “5 Ps”:

1. Positividade: Não deixe suas emoções se sobressaírem, seja e mostre o melhor de você, e aproveite para aprender com as pessoas que podem ajudar
2. Proatividade: Candidatos a líderes que sabem expor as próprias habilidades e experiências em novos ambientes estão mais bem colocados no mercado e têm mais probabilidade de serem chamados para novas oportunidades de carreira
3. Paixão: Mostre para os outros que você ainda ama o que faz ou demonstre paixão pelo que ainda gostaria de fazer ou ser
4. Paciência: Para conseguir mudanças, recolocação, você deve demonstrar flexibilidade e adotar uma visão a longo prazo porque é dessa forma que sua performance será avaliada – nunca a curto prazo.
5. Persistência: Mantenha a energia, siga planejamentos estratégicos e lembre como o ambiente de hoje reforça a consolidação da sua rede de contatos em tempos melhores.

Os demais textos não fogem desse padrão de auto-ajuda e velamento da natureza da procura por emprego novo ou por um melhor.

O terceiro veículo de comunicação de massa analisado no que diz sobre empregabilidade foi a versão *online* da revista Veja.

Revista mais vendida do país, a Veja tem um *site* bastante acessado também¹². Em sua seção sobre o tema “carreira” com artigos e “dicas” para arranjar o primeiro emprego, se “recolocar no mercado de trabalho” ou para conseguir um emprego melhor.

Em todos os textos lidos nesta seção, percebemos uma espécie de compêndio de tudo o que vimos nos demais veículos de comunicação. Em argumentações fabulosas, o que se expressa é que o desemprego é um problema, mas um problema contornável, segundo se argumenta.

Como contorná-lo? Qualificação, educação continuada e até força de vontade parecem ser as principais soluções apresentadas. No emblemático artigo “Como eles conseguiram - Mesmo com a economia desaquecida profissionais qualificados estão encontrando bons empregos”, de Cristina Poles, publicado em 1999, mas acessível a apenas dois cliques da tela principal da sessão de “Emprego e Carreira” da versão online da Revista Veja, vi os mesmos argumentos usado pelos sítios anteriormente citados.

¹¹ O que consideramos apenas um desdobramento ou, antes, uma conseqüência natural da auto-responsabilização, pois a auto-ajuda deposita a razão, causa e, por conseqüência, solução de todos os problemas no indivíduo.

¹² Segundo afirma o próprio sítio.

Cerca de dez anos atrás Poles disse que o mundo do trabalho, e a economia em geral, encontrava-se em crise¹³, mas que, mesmo ante tamanhos obstáculos, muitas pessoas “venciam na vida”:

O constante crescimento da rede mundial de computadores vem gerando emprego para trabalhadores das mais variadas áreas, tanto nas atividades ligadas ao funcionamento de provedores de acesso quanto no comércio eletrônico. Para participar do maravilhoso mundo de vendas pela rede, as empresas estão criando e inovando sites e, para isso, têm buscado profissionais de formações múltiplas. (http://veja.abril.com.br/201099/p_086.html)

Há aproximadamente uma década, Poles apenas repetiu o que se diz desde as grandes crises nas taxas de lucro capitalistas¹⁴, acentuando as “tecnologias da informação” e a “Era do conhecimento” como oportunidades aos trabalhadores, quando o que há é um rígido controle da informação¹⁵ e uma intensificação do trabalho, seja em extensão de horas trabalhadas, seja em intensidade do labor. Neste sentido, o mesmo (emblemático) artigo sintetiza o que é o “diferencial” em uma realidade de desemprego estrutural:

Para conquistar e manter um dos cargos disponíveis no mercado, o profissional não pode depender somente de suas habilidades técnicas – mesmo que elas sejam avalizadas por pomposos títulos acadêmicos. Um certificado de pós-graduação em universidade estrangeira ou numa das melhores do país ajuda, mas não é tudo. "Analisando a história dos profissionais que passam por aqui, vemos que a maior parte deles é demitida por características de comportamento, e não por falhas técnicas em suas tarefas" (http://veja.abril.com.br/201099/p_086.html)

Comportamento, eis o anseio. Onde se encontra a tão amada “pró-atividade”? No mesmo lugar em que se encontra a “criatividade”, a “responsabilidade social”, a “liderança” e tantas outras características lindas: na ideologia, na verbosidade, na tautologia e na apologia burguesa.

Tais características são aceitáveis somente quando estão alinhadas aos interesses de reprodução de capital dos empregadores. Ora, nada mais justo que o comprador da mercadoria tê-la em sua plenitude. Neste caso, nada mais justo, para o capitalista que compra força de

¹³ “Um artifício comumente usado para justificar os inúmeros problemas impostos à sociedade pelo modelo político e econômico fixado no acúmulo de capital é a afirmação tranquilizadora de que se vive um eventual momento de crise (CATTANI, 2000). Antonio Cattani (2000, p. 17) pergunta: ‘teria existido uma ordem ‘normal’, um momento original de funcionamento do sistema, a partir do qual poder-se-ia falar, então, em crise?’” (VECCHIO: 2007, p. 35).

¹⁴ A crise do modelo de acumulação fordista chega ao seu ápice na década de setenta do século passado, ao que se intensificam os modelos de gestão ditos flexíveis (OLIVEIRA, 2004). Para aprofundar as crises que levaram à chamada Reestruturação Produtiva, ver Tumolo (2002).

¹⁵ Braverman (1987) afirma, ainda na década de 60 do século passado, que as tecnologias da informação são muito mais que máquinas de datilografar mais ágeis que os homens, mas são, também, e principalmente, formas de apreensão de informação e, conseqüentemente, conhecimento.

trabalho, ter seu valor de uso (o trabalho) plenamente a seu dispor, limitando toda a inventividade humana a seu bel-prazer, ou antes, aos imperativos de reprodução do capital¹⁶.

Em seu mundo de fantasias, os veículos analisados apresentaram interesses de uma parte particular da sociedade, a burguesia, como de interesse geral. É verdade que as necessidades de qualificação são, em alguns casos, expressas como necessidades das empresas. Contudo, em uma realidade de desemprego estrutural e com um vasto exército industrial de reserva, inverte-se a relação, e são os trabalhadores que têm de ofertar-se no "mercado de trabalho" e competirem, segundo as ardilosas argumentações da parte da imprensa analisada (um grão de areia em meio a um deserto de naturalização de um período histórico datado), como se fossem empresas, desconsiderando que pessoas físicas não são pessoas jurídicas¹⁷.

A empregabilidade, contudo, como dito anteriormente, me parece ter mais que uma (a) função ideológica – com subdivisões em (a1) autoresponsabilização dos desempregados e (a2) de ampliação da submissão da Educação ao capital -, mas representa um (b) mercado em franca expansão de cursos de qualificação, de (c) redução dos custos com treinamento e (d) constante pressão para (d1) intensificação do ritmo de trabalho e (d2) constrangimento ao sindicalismo.

Mais que isso, a uma “qualificação” de todos os indivíduos às necessidades das organizações, o que intensifica, a meu ver, a exploração do trabalho na conjugação dos elementos centrais do que Mészáros (2004) denomina sóciometabolismo do capital¹⁸.

Talvez a grande contradição seja a percepção sorrateiramente velada de que para que haja essa liberdade dos poucos que controlam as grandes pessoas jurídicas da sociedade capitalista, tem de haver um crescente controle sobre os explorados, que têm de constantemente se qualificar para poderem produzir suas vidas, ou seja, se modularem constantemente aos imperativos do capital.

¹⁶ “SHYLOCK - Que os meus atos me caiam na cabeça. Só reclamo a aplicação da lei [...] Sim, ‘o peito’, tal como está na letra; não é isso, nobre juiz? ‘Bem junto ao coração’, são seus termos explícitos. (SHAKESPEARE, ato VI, cena I).

¹⁷ “PÓRCIA - O cérebro pode inventar leis para o sangue, mas os temperamentos ardentes saltam por cima de um decreto frio”. (SHAKESPEARE, ato I, cena II).

¹⁸ Para Mészáros (2004, p. 16), o capitalismo “é um sistema orgânico de reprodução sóciometabólica, dotado de lógica própria e de um conjunto objetivo de imperativos que subordinam a si – para melhor e para pior, conforme as alterações das circunstâncias históricas – todas as áreas de atividade humana, desde os processos econômicos mais básicos até os domínios intelectuais e culturais mediados e sofisticados”.

Considerações finais

*Num tempo tão pouco esclarecido!
Algo assim não se pode conceber
Com esse desemprego!
Ou qual a sua opinião?
Só nos pode convir
Esta opinião: o problema
Assim como veio, deve sumir.
Mas a questão é: nosso desemprego
Não será solucionado
Enquanto os senhores não
Ficarem desempregados!
(Bertot Brecht)*

A observação de dados em poucas fontes dentre um imenso universo de informações parece-nos suficiente para a tentativa de generalizar o que vemos como a ideologia da empregabilidade.

Usamos o termo ideologia justamente nos termos citados anteriormente de Chauí (1993), de ideologia como a apresentação ilusória dos interesses da classe dominante como se fossem interesses da sociedade como um todo.

A empregabilidade, contudo, como dito anteriormente, parece-nos ter mais que uma (a) função ideológica – com subdivisões em (a.1) autoresponsabilização dos desempregados e (a.2) ampliação da submissão da Educação ao capital -, mas representa um (b) mercado em franca expansão de cursos de qualificação, de (c) redução dos custos com treinamento e (d) constante pressão para (d1) intensificação do ritmo de trabalho e (d2) constrangimento ao sindicalismo.

A empregabilidade foi por nós interpretada como mais que um discurso (hipótese inicial), mas como uma série de ações conjugadas com fins de expansão da hegemonia do capital, compreendendo hegemonia como domínio econômico e direção política (GRAMSCI, 1982).

Que essas ações não são arquitetadas em salas de reuniões nos “porões do poder”, isso nos parece claro; são expressões objetivas dos imperativos de uma sociedade refém dos imperativos de expansão do capital. A submissão da humanidade a fins de reprodução de capital, de valorização do valor possui conseqüências nefastas para a sociedade como um todo, refletindo em todos os indivíduos¹⁹.

¹⁹ “Não posso aceitar uma sociedade em que mais do que uma entre cada cinco crianças nasce na pobreza, condição essa que está se agravando dia a dia. Tampouco posso aceitar como legítima uma definição de educação que estabeleça como nossa tarefa a preparação de alunos para funcionar sem problemas nos “negócios” dessa sociedade. Nações não são empresas. E escolas não fazem parte de empresas; para ficarem eficientemente produzindo em série o ‘capital humano’ necessário para dirigi-las [...]” (APPLE, in MOREIRA e SILVA, 2008,

A sociedade capitalista é uma sociedade organizada para a venda de mercadorias, mas que não permite a todos os inseridos nesta sociedade o arbítrio de não participar desse sistema de vender algo para viver, uma vez que o acesso aos meios de produção material da vida humana é privado.

Entretanto, não obstante privar a maioria dos sujeitos inseridos no sistema capitalista dos meios de produção, este mesmo sistema avança rapidamente, para a ampliação da privação da venda das únicas mercadorias possíveis de vender aos que não possuem meios de produção para vender mercadorias: a força de trabalho.

Nesse contexto, o sistema capitalista, para satisfazer as necessidades iminentes do capital para se reproduzir, tem de ampliar o subjugo aos trabalhadores, reduzindo o preço da principal mercadoria desse sistema, o trabalho, abaixo de valor.

Nesse sentido, o desenvolvimento do capitalismo aparece como a causa desse triste problema e, portanto, dentro deste modo de produção não há soluções para o problema, uma vez que é *natural* ao sistema o desemprego e a existência do *exército industrial de reserva* para a garantia de lucros maiores.

A empregabilidade não é a solução para o desemprego. A resolução desse problema não é individual, pois suas causas não são individuais, como propagam, apologeticamente, os veículos analisados, mas coletiva, visto que é um problema social.

Somos desesperançosos? Não, de modo algum. Se este modo de produção não é capaz de produzir a vida de toda a humanidade, isso não quer dizer que *não há como produzir a vida de toda a humanidade*; se *não há solução*, a nosso ver, *dentro do modo de produção capitalista*, isso não quer dizer que não vislumbremos uma solução. Mas a solução está somente na construção de uma sociedade em que o trabalho não seja hierarquicamente organizado e subordinado ao capital; em uma sociedade em que os patrões estejam desempregados.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1993.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CATHO: <<http://www.catho.com.br/>> Acesso de 16 a 31 de outubro de 2008.

CHAUI, Marilena de S. O que é ideologia. 36a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

EMPREGABILIDADE.NET: <www.empregabilidade.net/> Acesso de 15 de outubro a 06 de novembro de 2008.

- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4.ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- IASI, Mauro L. Ensaio sobre consciência e emancipação. 1a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARX, Karl. MARX, Karl. O capital: crítica da economia política – Tomo I. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. O capital: crítica da economia política – Tomo II. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.
- _____. O poder da ideologia. Campinas: Boitempo, 2004.
- _____. O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo do século XXI. Campinas: Boitempo, 2007.
- MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade. 10ª ed., São Paulo: Cortez, 2008.
- OLIVEIRA, Eunice de. Toyotismo no Brasil: desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- POLES, Cristina. Como eles conseguiram – mesmo com a economia desaquecida profissionais qualificados estão encontrando bons empregos. *In*: Veja Online. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/201099/p_086.html>. Acesso em 03 de dezembro de 2008.
- SENAI: Almanaque das profissões. Disponível em: <http://www.senai.br/br/Almanaque/senai_vc_alm.aspx>. Acesso em 16 de outubro de 2008.
- SHAKESPEARE, William. O mercador de Veneza. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 1999.
- _____. A Tempestade. 4ed. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 2003.
- THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TUMOLO, Paulo. S. Da contestação à conformação: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista. 1. ed. Campinas: Unicamp, 2002. 294 p.
- VECCHIO, Rafael. A utopia em ação. Porto Alegre: Terreira da tribo produções artísticas, 2007.
- VEJA ONLINE: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/emprego_carreira/index.html> Acesso de 10 de outubro a 04 de novembro de 2008.
- WERNECK, Vera R. A ideologia na educação: um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo. Petrópolis: Vozes, 1982.
- WIKIPÉDIA: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Empregabilidade>>. Acesso em: 26 de novembro de 2008.